

SOUSA, Maria Ester Vieira de. SALES, Laurênia Souto. (Org.) *Leitores, suportes, espaços e práticas de leitura da cultura escrita*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017. 222p.

Texto resenhado por:  
Maria Aparecida da Silva<sup>1</sup>

Esta obra, *Leitores, suportes e práticas de leitura da cultura escrita*, assinada por Laurênia Souto Sales e Ester Vieira de Sousa, ambas, Doutoradas em Linguística e atuais professoras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), está organizada em sete capítulos, sendo um capítulo para cada estudioso e os dois últimos foram compostos pelas organizadoras. É um livro recém-publicado que vem enriquecer ainda mais os estudos linguísticos, mostrando a grande importância que têm os suportes escritos, as narrativas e os espaços em que eles aparecem. Trata-se de um trabalho que conceitua o exercício da leitura como uma prática social e cultural, além de buscar em diferentes documentos (jornais, catálogos, livros religiosos, legislações, dados empíricos), discursos que mostrem quem é o leitor, que grau de formação ele tem, como ele teve acesso à leitura da obra ou do documento escrito que leu, em que espaço e em que lugar desenvolvia essa prática.

Os estudos apresentados no livro tratam da história da cultura escrita, os quais têm se debruçado sobre o autor, o editor e os suportes. Ressalte-se que da década de 90 para cá, a história do livro tem demonstrado, segundo os escritos de Chartier, caminhos que melhor orientam os discursos sobre a história da leitura, dando ênfase aos discursos sobre o leitor. É importante frisar que, acerca desse tema, além das pesquisas do autor supracitado, destacam-se os textos de Castillo Gómez, entre outros.

Dessa forma, o primeiro capítulo desse trabalho, com o título *Cultura impressa e Prática Leitora Protestante nos Oitocentos*, é escrito pela pesquisadora Dra. Karla Janaina Costa Cruz. Ela apresenta aos leitores, de maneira clara e objetiva, o contexto histórico e social da sua pesquisa, por meio de documentos impressos religiosos que circularam no século XIX. Embora eles tenham se apresentado em vários suportes, a autora dá ênfase, em sua pesquisa, ao jornal. Nesse material, Cruz observa o que era lido, quem lia e quais relações se complementavam em busca da transmissão dos sentidos. Segundo ela, em um momento da história, reconhecido como

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas - Campos do Sertão. Email: mariaaparecida.ufal@gmail.com

Protestantismo de Missão, desembarcavam, nas terras brasileiras, pastores, missionários e professores, estes tinham o objetivo de fundar igrejas e escolas. Tempo em que a **palavra impressa** torna-se o principal condutor do protestantismo, ampliando a propaganda evangélica, as atividades missionárias e a instrução da doutrina. A autora mostra que nos escritos de relato – cartas, diários, biografias (gêneros textuais como são reconhecidos hoje) foram encontradas descrições das condições dos países que praticavam o evangelho. Além disso, a imprensa era utilizada para moralizar e transformar.

No segundo capítulo, temos o texto do professor Dr. Thiago Trindade Matias, intitulado *Ler e escrever no Pernambuco Imperial: histórias sobre espaços, objetos e leitores*. Uma pesquisa também situada no contexto do século XIX, assim, como o texto da pesquisadora Cruz que inicia a obra em análise. No entanto, os trabalhos se diferenciam pelo fato de analisarem documentos diferentes, como por exemplo, o pesquisador Matias, analisa os relacionados à instrução Pública primária do Pernambuco, já a autora Cruz, dá ênfase ao jornal. Nesse texto, o autor reflete e questiona sobre o que escreve a história da cultura escrita incluindo nessa prática, o ler e escrever. Seu texto destina-se a investigar os espaços, os produtos ou objetos do escrito e os sujeitos que se incluem nessas práticas.

Para sua análise, o professor consultou os relatórios da Biblioteca Provincial, Relatórios dos Inspectores da Instrução Pública Primária de Pernambuco, Série Instrução Pública (IP), Série Petições, Série assuntos didáticos – Livros/Escolares e a Legislação educacional, Narrativas e Memórias relacionadas ao século XIX. Foram documentos que segundo Matias contribuíram para recuperar informações sobre os espaços de leituras, sobre leitores da biblioteca, quem as frequentava, com que frequência, o que mais gostavam de ler, que suportes circulavam nesse período, como por exemplo, quais livros, quais revistas, quais folhetos, como também informações sobre compras e doações à biblioteca. Ainda de acordo com o que ele argumenta, a História da Cultura Escrita é um campo de trabalho científico que vem conquistando cada vez mais pessoas de diversas áreas do conhecimento, eles se debruçam em pesquisar a relação sociedade e cultura escrita, refletindo a respeito da finalidade ou função da leitura e da escrita em práticas sociais.

O terceiro capítulo, produzido pela autora Danielly Vieira Inô Espíndula, apresenta-se como: *Uma leitora na biblioteca: quando o desejo de ler encontra o seu lugar*. Nessa pesquisa, a autora quebra um discurso tradicionalmente conhecido, em relação à Biblioteca Municipal de

Campina Grande (BPMCG), o de que *não há leitores naquela instituição*. E, de maneira geral, o discurso reconhecido pelas pesquisas do nosso país, que é *o relacionado* à frequência de leitores restrita apenas ao público estudantil. Observa-se nesse trabalho que existe leitores formais, o que estão vinculados à escola, e os leitores informais, os que não estão relacionados a essas instituições. Como Espíndula apresenta em seus registros, leitores idosos fazem parte desse público informal que frequentam essas bibliotecas, eles vão à biblioteca conduzidos apenas pelo desejo, prazer e amor à leitura.

Em busca de seus objetivos, Espíndula realiza uma entrevista com uma das leitoras pesquisadas e consegue observar e registrar, por meio do discurso da entrevistada, que realmente existem leitores na BPMCG. Desse modo, comprova-se que no Brasil às bibliotecas são frequentadas por outros leitores além dos estudantes, como por exemplo, um público composto por idosos. Na reflexão da autora, destaca-se um fato importante entre os frequentadores da biblioteca, a oportunidade de entrevistar entre eles uma leitora idosa, e mais, pertencente à classe feminina, ela mostrar em seu trabalho a maneira de como a mulher idosa lê, que relação existe entre as histórias, a da leitora e a da leitura, em que espaço ela praticava às leituras, como ela lia e com que finalidade. São questionamentos que uma pesquisa como esta consegue desvendar.

O quarto capítulo, *Discursos sobre a biblioteca escolar como espaço de leitura*, da autora Nathalya Moreira Lima Correia Castro. Discute-se, a respeito da biblioteca escolar e as práticas de leituras realizadas nesse ambiente. Para esse trabalho, realizou-se entrevistas com alunos de ensino médio de escolas públicas e privadas e com funcionários, na cidade de João Pessoa – PB.

Segundo essa pesquisadora, os alunos não reconhecem a biblioteca escolar como um lugar adequado para prática da leitura, pois os mesmos só utilizam esse espaço para atividades sugeridas pelos professores e não para leituras espontâneas. Nesse momento, Castro defende que não há possibilidades de se realizar exercícios e atividades, mesmo que utilizando o livro didático, sem a prática da leitura.

Assim, a autora argumenta que, embora o livro didático seja visto dessa forma pelo aluno, como um recurso que não é considerado na prática de leitura, tal material é, sim, um instrumento importante para esse fim. O mesmo está presente no dia a dia da vida escolar do discente, atuando na construção do leitor, ainda que, por vezes, o aluno não entenda o ato do estudo como uma prática de leitura.

No quinto capítulo, a autora *Raquel Monteiro da Silva Freitas* intitula seu trabalho como, *A influência da família na formação do leitor*. Nesse espaço, ela apresenta a participação da família na vida do estudante que lê, reflete também sobre o espaço e a construção desse leitor. Para ela, o aluno, ao ser inserido na escola, carrega em sua bagagem, trazida de casa, muitas experiências a respeito da leitura, sendo elas favoráveis ou não. Mesmo tendo sido adquiridos no convívio familiar, esses saberes precisam ser considerados na escola em momentos de aprendizagem. Sua pesquisa parte da análise de recortes de um trabalho dissertativo cujo corpus foi produzido a partir das memórias de discentes do curso de Letras da UFPB. No texto são observados por Freitas, as influências, os gostos e as concepções de leituras. A autora do capítulo, ainda discute em seu trabalho o conceito de memória e sua diferença em relação ao conceito de história. Ela entende que a memória faz parte da história, em outras palavras, “é o registro peculiar, individualizado e, ao mesmo tempo social, de um determinado acontecimento (FREITAS, 2017, p.146).”.

O sexto capítulo, *No discurso de alunos concluintes de Letras: ditos e não ditos sobre leitura*, foi escrito por Laurência Souto Sales, também uma das organizadoras, como já mencionado no início do texto. A sua investigação parte da visão de que o texto não é um produto acabado e sim resultado das ações do leitor sobre o ato de ler. Portanto, nesse espaço, o professor não é o único dono do saber, o aluno também é considerado no processo de aprendizagem, participando, produzindo e ressignificando sentidos. Segundo a pesquisadora, um profissional da área Letras tem que ser competente e crítico na hora de trabalhar com a linguagem, é necessário que domine a leitura. A sua pesquisa tem como foco principal, o discurso sobre a leitura dos discentes concluintes do curso de letras da UFPB, no texto ela analisa a maneira de como os alunos fazem a leitura e desenvolve a capacidade de trabalhar em sala de aula, sempre considerando o processo interativo.

O capítulo final, *Histórias de acesso à cultura escrita: memórias de sujeitos leitores*, foi escrito por Maria Ester Vieira de Sousa, uma das organizadoras do livro. Seu trabalho foi construído por histórias de leituras de alunos do curso de Letras na modalidade Virtual, da UFPB, mais especificamente, no âmbito da disciplina de Leitura e Produção de Texto. A autora aborda alguns questionamentos que direcionam à pesquisa, como por exemplo: como aprenderam a ler, se a escola contribuiu com um espaço de formação de leitores atuantes que ressignifiquem suas

ações, suas histórias e a relação com a cultura escrita. Seu trabalho defende sempre esse espaço de leitor atuante fazendo se ressignificar suas ações, suas histórias e a relação com a cultura escrita. Dessa forma, Sousa entende a leitura como prática social e cultural.

Assim, *Leitores, Suportes, espaços e práticas de leitura da Cultura escrita* pode e deve ser lido por um público amplo: alunos de Cursos Letras, professores do Ensino básico, discentes e docentes do Curso de História, Curso de Pedagogia, entre outros. É um livro que traz um leque de conhecimentos sobre discursos e histórias que vão auxiliar na vida dos sujeitos que o lerem, fazendo-os produzir cada vez mais, dando importância a questionamentos e reflexões sobre a inserção na cultura da escrita.

Além disso, a publicação contribui para realização de pesquisa nas áreas supracitadas, ao apontar e discutir a importância dos sujeitos, dos suportes, dos objetos, aspectos que, na maioria das vezes, são considerados de maneira superficial, como é caso do tratamento dado aos livros didáticos, por ser descartados com facilidade. Por fim, o livro em questão nos mostra o amor e o prazer de se saber ler um texto, por meio de muitas memórias contadas.

**Resenha submetida em jul/2018.**

**Aceita em set/2018.**

**Revisada em jun/2019.**

**Publicada em set/2019.**

M. A. da Silva.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. SALES, Laurênia Souto. (Org.) *Leitores, suportes, espaços e práticas de leitura da cultura escrita.* João Pessoa: Editora da UFPB, 2017. 222p.